UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

LUCAS FERREIRA GOIS

POSIÇÃO TRADUTIVA ENTRE PESTES: UMA ANÁLISE COTEJADA DE DUAS TRADUÇÕES DE *A PESTE*, DE ALBERT CAMUS

MACEIÓ
2023

LUCAS FERREIRA GOIS

POSIÇÃO TRADUTIVA ENTRE PESTES: UMA ANÁLISE COTEJADA DE DUAS TRADUÇÕES DE *A PESTE*, DE ALBERT CAMUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em língua francesa, da Faculdade de Letras, Campus A.C Simões, Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Francês.

Orientador: Prof. Dr. Kall Lyws Barroso Sales

MACEIÓ

2023

ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: LUCAS FERREIRA GOIS

MATRÍCULA: 17110479

TÍTULO DO TCC: “Posição tradutiva entre pestes: uma análise cotejada de duas traduções de a peste, de Albert Camus”

Ao(s) 23 dia (s) do mês de outubro do ano de 2023, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Kall Lyws Barroso Sales

1º Prof./a Examin./a: Rosária Cristina Costa Ribeiro

2º Prof./a Examin./a: Yann Jean Cristophe Hamonic

que julgou o trabalho (X) APROVADO ( ) REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 10,0 (dez inteiros)

1º Prof./a Examin./a: 10,0 (dez inteiros)

2º Prof./a Examin./a: 10,0 (dez inteiros)

totalizando, assim a média: dez (10,00), e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 23 de outubro de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br
KALL LYWS BARROSO SALES
Data: 25/10/2023 09:10:36-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof./a Orientador/a:
Kall Lyws Barroso Sales

1º Prof./a Examin./a:
Rosária Cristina Costa Ribeiro

Documento assinado digitalmente
gov.br
ROSARIA CRISTINA COSTA RIBEIRO
Data: 25/10/2023 16:28:24-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

2º Prof./a Examin./a:
Yann Jean Cristophe Hamonic

Documento assinado digitalmente
gov.br
YANN JEAN CHRISTOPHE HAMONIC
Data: 25/10/2023 09:19:20-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

VISTO DA COORDENAÇÃO

Documento assinado digitalmente
gov.br
ROSARIA CRISTINA COSTA RIBEIRO
Data: 25/10/2023 16:29:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

À minha avó e primeira mestra prof. Maria Zilma Moura Albuquerque.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Elizabette, pelo incentivo e paciência nessa longa jornada até a conclusão do meu curso.

À equipe de professores do curso de Letras-Francês da Universidade Federal de Alagoas, cujo trabalho é admirável, e que fizeram parte da minha formação como professor, em especial ao meu orientador Kall pelo apoio e ensinamentos durante a escrita deste trabalho.

Posição tradutiva entre pestes: uma análise cotejada de duas traduções de *A peste,* de Albert Camus

Lucas Ferreira Gois (UFAL)
Kall Lyws Barroso Sales (UFAL)

Resumo:

O Romance "A Peste", de Albert Camus (1947), retrata uma epidemia da peste que se dá em Oran, Argélia. Durante a pandemia de Covid-19, a partir de 2020, a relevância desta obra ressurgiu. Dessa forma, este trabalho analisa as duas traduções do romance para o português brasileiro. A primeira, de Graciliano Ramos (1950), carrega a marca do autor, que optou por uma linguagem direta e enxuta. Já a tradução de Valerie Rumjanek (1980), é mais literal e próxima ao texto original. Ambas as traduções proporcionam diferentes interpretações da obra, refletindo a influência do tradutor no resultado final e trazendo distintas camadas de significado. Esses elementos foram analisados com base no conceito de escritor-tradutor (Dos Santos, 2016), na posição tradutiva e tendência deformadora do enobrecimento do texto (Berman, 1995, 2013) e no primoroso trabalho de Bicalho (2007). Constatou-se, portanto, que a abordagem da tradução de Graciliano pode ter resultado em certa perda da autenticidade em relação ao texto fonte. Já a tradução de Rumnajek, ao preservar determinados elementos e a estrutura de frases, mostrou-se mais próxima do texto original.
Palavras-chave: Tradução. A peste. Albert Camus.

Résumé:

Le roman « La Peste », d'Albert Camus (1947) décrit une épidémie de peste qui se déroule à Oran, en Algérie. Pendant la pandémie de Covid-19 à partir de 2020, la pertinence de cette œuvre a resurgi. Ainsi, ce travail analyse les deux traductions du roman en portugais brésilien. La première, de Graciliano Ramos (1950), porte la marque de l'auteur, qui a opté pour un langage direct et concis. Quant à la traduction de Valerie Rumjanek (1980), elle est plus littérale et fidèle au texte original. Les deux traductions offrent des interprétations différentes de l'œuvre, reflétant l'influence du traducteur sur le résultat final et apportant des couches de sens différentes. Ces éléments ont été analysés en fonction du concept d'écrivain-traducteur (Dos

Snaots, 2016), de la position traductive et de la tendance déformante à l’ennoblissement du texte (Berman, 1995, 2013) et du travail méticuleux de Bicalho (2007). Il a donc été constaté que l'approche de la traduction de Graciliano pourrait avoir entraîné une certaine perte d'authenticité par rapport à l'original. En revanche, la traduction de Rumnajek, en préservant certains éléments et la structure des phrases, s'est avérée plus fidèle au texte original.

Mots-clés: Traduction. La peste. Albert Camus.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

2 A PESTE MAL-DITA EM CAMUS 9

3 TRADUÇÕES DA PESTE NO BRASIL: UM COTEJO DA TRADUÇÃO DE GRACILIANO E VALERIE 12

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 21

REFERÊNCIAS 23

1 INTRODUÇÃO

> ¿Qué nos enseñó *La peste*, de Albert Camus? Que las peores epidemias no son biológicas, sino morales. En las situaciones de crisis, sale a luz lo peor de la sociedad: insolidaridad, egoísmo, inmadurez, irracionalidad. (Narbona, 2020)[1]

A *Peste* de Camus é um romance sobre humanidade, esta que encontra, em meio a situações tão adversas e violentas, lampejos de felicidade. Este artigo é sobre a tradução de uma obra humana em demasia, que leva para a ficção o mais terrível e o mais belo do humano, que mantém seu vigor e enfrenta a morte, é sobre uma peste que dissipa tempo e espaço através das línguas. Publicada em 1947, *A Peste* encontrou cenário propício de propagação durante a pandemia de Covid-19, cuja doença voraz assolou sonhos, esperanças e que, entre 2020 e 2021, período no qual ainda não havíamos encontrado uma vacina, confinou milhões de pessoas em suas casas assombrando-as com o terror da morte. É durante este flagelo contemporâneo que, mais uma vez, esse clássico da literatura de expressão francesa é relembrado, estudado e difundido. Foi numa matéria publicada pela BBC em 12 de março de 2020, um dia depois de a Organização Mundial da Saúde classificar a Covid-19 como pandemia, que encontramos *A Peste* como o livro que virou "best-seller" durante esse tenebroso período. Ao percorrermos a matéria, vemos que a obra, assim como outras que tratam de epidemias e doenças, teve um aumento significativo no número de vendas em países da Europa, mas que, no Brasil, segundo resposta da Editora Record, um cenário semelhante não foi percebido naquele período (BBC, 2020). Em texto publicado em 17 de março de 2020, Rafael Narbona, ao analisar a obra, diz que "*Camus describe en La peste su tiempo y su tierra natal, pero su novela trasciende su marco temporal y geográfico, adquiriendo el rango de metáfora universal*[2]".

Concordando com Narbona, e entendendo *A peste* como romance que transcende tempo e espaço, neste trabalho, refletimos, então, sobre algumas das reverberações d'*A peste* camusiana através das traduções para português a fim de apresentar suas posições tradutivas (Berman, 1995). Sabemos que outras pesquisas já dedicaram inúmeras páginas para pensar *A*

[1] O que 'A Peste', de Albert Camus, nos ensinou? Que as piores epidemias não são biológicas, mas morais. Em situações de crise, vem à luz o pior da sociedade: falta de solidariedade, egoísmo, imaturidade, irracionalidade. Mas também emerge o melhor. Sempre existem pessoas justas que sacrificam seu bem-estar para cuidar dos outros. Tradução de Cepat. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597192-a-peste-albert-camus-em-tempos-de-coronavirus.

[2] Em 'A Peste', Camus descreve seu tempo e sua terra natal, mas seu romance transcende seu marco temporal e geográfico, adquirindo a categoria de metáfora universal

peste em português, seja pelo olhar minucioso sobre as traduções no Brasil (Bicalho, 2007; Freire, 2020) seja pela recepção da crítica (Romano & Silva, 2020). Intentamos aqui, portanto, entrar nas teias deste texto clássico traduzido e apresentar, à luz da reflexão bermaniana, a posição tradutiva, o projeto de tradução e o horizonte do/a tradutor/a em duas célebres traduções já muito discutidas pela crítica: a tradução de Graciliano Ramos, publicada em 1950, cujas reedições foram feitas até a década de 70, e a de Valerie Rumjanek, publicada em 1980, que das duas é a mais reeditada até hoje e que já está em sua 33ª edição.

Portanto, entendendo que a literatura pode promover movimentos de conscientização e de confrontação à epidemia, à infecção e à morte, revisitamos essas duas traduções com grande circulação no Brasil e apresentamos nossa reflexão através do seguinte percurso: num primeiro momento fazemos uma apresentação do autor e da obra que relata a chegada de uma peste maldita à cidade de Oran. Abordamos sumariamente a história de Camus nas Letras e traçamos um pequeno percurso sobre sua vida e sobre as pessoas que foram fundamentais para seu despertar enquanto filósofo e escritor. Num segundo momento apresentamos as traduções e tradutores estudados neste artigo, a saber: a primeira tradução da obra para o português, feita por Graciliano Ramos e publicada em 1950 pela editora José Olympio, e a retradução do romance feita por Valerie Rumjanek e publicada inicialmente em 1980. Após apresentar o tradutor e a tradutora, exploramos alguns fragmentos das duas traduções, em diálogo com Bicalho (2007) e Freire (2020), para tecer comentários de tradução que abordem, principalmente, as diferenças quanto às posições tradutivas de ambos (Berman, 1995).

Ao concluir a análise dos comentários de tradução, chegamos às considerações finais, onde explicitamos a escolha da obra em questão e sua relevância no cenário contemporâneo. Nesta etapa, chegamos à nossa conclusão a respeito das traduções realizadas por Graciliano Ramos e Valerie Rumjanek. Destacamos, portanto, como a abordagem de cada tradutor influenciou a interpretação e o impacto da obra no leitor.

2 A PESTE MAL-DITA EM CAMUS

É indiscutível que Albert Camus (1913-1960) é um dos mais célebres escritores de língua francesa, conhecido por seus romances, ensaios filosóficos e peças de teatro. Foi um autor franco-argelino laureado com o Prêmio Nobel de literatura de 1957, um reconhecimento indubitavelmente merecido por sua notável contribuição para a literatura francófona. Nascido em 1913, de pai francês, mas nascido na Argélia, morto em combate durante a Primeira Guerra Mundial, e de mãe de origem espanhola, Camus demonstrou resiliência e talento ao ultrapassar

as fronteiras da literatura de língua francesa para se tornar um escritor globalmente aclamado. Sua trajetória é um testemunho da força de sua escrita e de como ela transcende culturas e idiomas (Fahrenheit Magazine, 2021).

Apesar da orfandade paterna e de uma infância marcada por adversidades financeiras, Camus foi introduzido à escrita desde cedo, através de seu professor de escola primária Louis Germain. A lembrança do sentimento de gratidão de Camus foi registrada em carta, enviada a Germain um dia após o recebimento do prêmio Nobel. "*... Sans vous, sans cette main affectueuse que vous avez tendue au petit enfant pauvre que j'étais, sans votre enseignement et votre exemple, rien de tout cela ne serait arrivé*"[3] (Boutin, 2020, s.p.). De delicadeza notável, Camus já explora nessa carta a importância da oportunidade, da "mão afetuosa" dada àquela "pobre criança" que, através da educação e da escrita, conseguiu dissipar as violentas barreiras que impedem tantos a chegarem à literatura. Posteriormente, Jean Grenier, poeta e professor de Camus, também foi lembrado por meio da dedicatória do livro *L'homme révolté* (1951).

Camus é conhecido por seus livros de teor filosófico, como por exemplo a chamada "trilogia do absurdo" (De Santi, 2015): *L'étranger* (1942), romance, *Le mythe de Sisyphe* (1942), ensaio filosófico, e *Caligula* (1944), peça de teatro - todas publicadas durante a Segunda Guerra Mundial - e que compõem o chamado ciclo do absurdo de Camus. Nessas obras, Camus desenvolve sua teoria filosófica do absurdismo, que vê como inerentes à existência humana o absurdo e a falta de sentido. Outras obras, como o já citado ensaio filosófico *L'homme révolté* (1951) e a peça de teatro *Les justes* (1949) e o romance - foco de nosso trabalho - *La peste* (1947) compõem o ciclo da revolta, em que Camus explora a revolta enquanto resposta natural à opressão e injustiça num mundo que parece ser absurdo e sem sentido[4].

Em um contexto pós-pandêmico, uma das obras de Camus, publicada há mais de meio século, *La peste*, está novamente em evidência. Produto de longa reflexão e aclamado pelo público e crítica logo de sua publicação, a escrita desse romance perdurou por quase uma década, passando assim por todo o período da Segunda Guerra Mundial e sendo concluída em 1947 (Barbosa, 2018).

Frequentemente dividindo o posto de magnum opus de Camus com *L'étranger* (1942), a narrativa do romance se passa numa cidade da costa da Argélia, Oran, cujos eventos retratados

[3] Sem o senhor, sem essa mão carinhosa que o senhor estendeu à pobre criança que eu era, sem seu ensinamento e seu exemplo, nada disso teria acontecido. [tradução nossa]

[4]Para maior detalhamento da teoria filosófica do absurdo, trabalhada por Camus, que era leitor de Nietzsche, Kierkegaard, Dostoiévski, Kafka e muitos outros, ver: Da Silva (2016), De Azevedo (2017), Barbosa (2018), Brandão (2013), Fortunato (2011), além das já citadas obras de Albert Camus que compõem os dois ciclos de sua filosofia.

no romance são iniciados em "194." (Camus, 2009). Inspirado por eventos históricos reais que se desenrolaram na verdadeira Oran, Camus constrói uma narrativa que, inevitavelmente, nos faz refletir sobre o cenário vivido por todos nós com a pandemia da Covid-19

Oran, cidade onde Camus passou cerca de um ano e meio no início da década de 1940, segundo o estudo introdutivo assinado por Pierre de Boisdeffre, que acompanha a tradução de Graciliano na edição utilizada como fonte para esta pesquisa, é descrita por Camus como "*A première vue, [...] une ville ordinaire et rien de plus qu'une préfecture française de la côte algérienne*". [5] Uma cidade, segundo o autor "*sans pigeons, sans arbres et sans jardins [...] un lieu neutre, pour tout dire*"[6] No entanto, apesar disso, diz o autor, "*Du moins, on ne connaît pas chez nous le désordre*"[7] (Camus, 2009, p. 11-13).

A vida normal e ordenada nessa simples cidade muda completamente após ratos serem encontrados mortos em meio a seu próprio sangue primeiramente em poucas quantidades e depois aos milhares. Através da narração do médico Bernard Rieux, personagem e narrador do romance, testemunhamos uma progressiva transformação em Oran quando os primeiros doentes aparecem. De rápida evolução, a doença se manifesta através de vários sintomas, como o inchaço dos gânglios linfáticos no pescoço, feridas no corpo, vômitos, febre intensa e muita dor.

A primeira vítima fatal da doença é também a primeira personagem mencionada por Rieux no romance, quando, no início da narrativa, ele encontra o primeiro rato morto: o zelador Sr. Michel. Após sofrer com os intensos sintomas da doença e, em meio aos delírios da febre, soltar fragmentos de palavras, Sr. Michel vem a óbito. A partir daí, o pânico é instalado em Oran, e junto a isso vem o despreparo de toda a população ao lidar com o problema

Diversas pessoas adoecem e apresentam a mesma "febre", que até então não tem nome. Numa conversa sobre os acontecimentos recentes entre Rieux e Castel, um colega médico, este sugere, devido a sua experiência na China e Paris, que se trata de algo já bem documentado e que ninguém ousava pronunciar as palavras. É Rieux, então, quem as diz: "*Oui, Castel, [...] c'est à peine croyable. Mais il semble bien que ce soit la peste.*"[8] (Camus, 2009 p. 40).

A problemática burocrática sobre chamar ou não a enfermidade de "peste" se estendeu e as medidas tomadas para conter a epidemia pareciam não ser eficazes, devido à falta de experiência em lidar com as vicissitudes geradas pela doença. A falta de clareza das autoridades

[5] "À primeira vista [...] uma cidade comum e não passa de uma prefeitura francesa na costa argelina". [tradução de Valerie Rumjanek]
[6] "sem pombos, sem árvores e sem jardins [...] Em resumo: um lugar neutro." [tradução de Valerie Rumjanek]
[7] "Ao menos desconhece-se a desordem." [tradução de Valerie Rumjanek]
[8] "É verdade, Castel [...] É incrível, mas parece peste." [tradução de Valerie Rumjanek]

gerou desconfiança e expectativa, dando lugar à divulgação de informações equivocadas, como quando a personagem Cottard pergunta ao Dr. Rieux "*Alors, docteur, c'est le choléra ?*"[9], e logo em seguida diz que teve essas notícias "*Dans le journal, et la radio l'a dit aussi.*"[10] (Camus, 2009 p. 61). Crenças populares, como o cartaz de um café no qual se lia "*le vin probe tue le microbe*"[11] (Camus, 2009 p. 78) e reflexões sobre até onde o coletivo deve sobrepujar o individual vêm à tona. Todos esses elementos nos fazem pensar na pandemia de Covid-19 e em como a sociedade, formada por indivíduos, enxerga e lida com uma epidemia impremeditável.

3 TRADUÇÕES DA PESTE NO BRASIL: UM COTEJO DA TRADUÇÃO DE GRACILIANO E VALERIE

A primeira tradução da obra para o português brasileiro se deu em 1950, realizada por Graciliano Ramos e publicada pela editora José Olympio. Graciliano Ramos (1892-1953) foi um renomado escritor alagoano conhecido por seus diversos romances como "Vidas Secas", "São Bernardo", "Infância" e muitos outros. Para além da carreira como escritor, ele trabalhou como jornalista e chegou até mesmo a ocupar o cargo de prefeito da cidade de Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas.

Além da gramática elegante e cuidada, muito se fala da maneira enxuta e direta da escrita de Graciliano (Souza, 2020), e tais características são encontradas em suas diversas obras originais. O autor alagoano, além de escritor, dominava o francês e, por convite da editora José Olympio, numa época em que se pretendia popularizar a literatura estrangeira no Brasil, Graciliano aceitou o projeto de traduzir *La peste*, de Camus, ao que se diz em parte por necessidades financeiras (Viswanathan, 2020).

O célebre romance de Camus, ganhou uma nova tradução para o português brasileiro em 1980, realizada por Valerie Rumjanek e publicada pela renomada editora Record. Desde então, esta versão tem atravessado décadas, mantendo-se relevante e conquistando leitores de diferentes gerações. Com mais de trinta edições ao longo dos anos, a obra continua a cativar o público com sua narrativa atemporal e reflexões profundas sobre a condição humana. Esta tradução, em particular, desempenhou um papel significativo na disseminação e apreciação da obra de Camus no Brasil, tornando-a acessível a um público diversificado. Algo que nos salta aos olhos ao compararmos a obra original e sua tradução em português feita pelo "Velho

[9] "Então, doutor, é cólera?" [tradução de Valerie Rumjanek]
[10] "Li no jornal. E o rádio disse também" [tradução de Rumjanek]
[11] "Quem vinho bebe, mata a febre" [tradução de Rumjanek]

Graça", é justamente a presença do Graciliano autor, não apenas tradutor. Frases foram reescritas ao seu estilo e elementos importantes na obra de Camus foram alterados.

Podemos dizer que o trabalho de Graciliano como tradutor de *La peste* se encaixa na ideia discutida por Dos Santos (2016) de escritor-tradutor, que é um tradutor que excede a tradução e transcrição de palavras para a língua-alvo, isto é, ele insere sua própria perspectiva e originalidade à obra. Isso culmina, evidentemente, em uma tradução repleta de traços autorais não presentes na obra de partida.

Um exemplo é o fato de o romance ser narrado em terceira pessoa por um narrador até então desconhecido, mas que, apesar de assumir um papel essencialmente observador, aproxima-se frequentemente dos fatos, deixando claro fazer parte da comunidade atingida pela peste desde o início, elemento esse perdido nas páginas iniciais e no decorrer do romance traduzido por Graciliano Ramos.

Quadro 1 – Pronomes possessivos

(continua)

Peste (original)	Peste (Graciliano Ramos)	Peste (Valerie Rumjanek)
"Dans notre petite ville…" (Camus, 2009, p. 11)	"Na cidadezinha…" (Camus, 1973, p. 61)	"Na nossa pequena cidade…" (Camus, 2021, p. 9)
"On dira sans doute que cela n'est pas particulier à notre ville…" (Camus, 2009, p.12)	"Dirão sem dúvida que isso não é peculiar à cidadezinha" (Camus, 1973, p. 62)	"Dir-se-á, sem dúvida, que nada disso é exclusivo de nossa cidade…" (Camus, 2021, p. 10)
"[...] le Père Paneloux, un jésuite érudit et militant qu'il avait rencontré quelquefois et qui était très estimé dans notre ville…" (Camus, 2009, p.23)	"[...] o padre Paneloux, jesuíta erudito e militante, querido na cidade…" (Camus, 1973, p. 70)	"[...] o reverendo Paneloux, um jesuíta erudito e militante que ele já encontrara algumas vezes e que era muito estimado na nossa cidade…" (Camus, 2021, p. 21)

Quadro 1 – Pronomes possessivos

(conclusão)

“Il s'agissait seulement de donner pendant quelque temps les preuves de sa compétence dans les questions délicates que posait l'administration de notre cité.” (Camus, 2009, p.47)	“Necessário apenas, durante algum tempo, dar prova de competência nas questões delicadas relativas à administração.” (Camus, 1973, p. 90)	“Tratava-se apenas de dar, durante algum tempo, provas de competência nas questões delicadas que a administração da nossa cidade apresentava.” (Camus, 2021, p. 46-47)

Fonte: Camus, 2021, 2009, 2002.

Conforme podemos analisar nas citações acima (Quadro 1), em diversos momentos, Graciliano optou por apagar pronomes possessivos da primeira pessoa do plural, dando lugar a construções frasais que passam uma ideia mais afastada do narrador em relação aos acontecimentos em Oran. Essa alteração influencia diretamente a estrutura e o efeito encontrados no texto de partida: o de um narrador observador, mas que vivenciou os dramas e dificuldades junto ao povo de Oran. Isto é, um narrador que fazia parte da comunidade, fato que se revelará apenas no final do livro, quando descobrimos que a narrativa foi escrita pelo Dr. Bernard Rieux. Ainda que por numerosas vezes esse elemento tenha sido suprimido da obra, Graciliano optou por mantê-lo em algumas passagens: “*C'est cette particularité qui peignait le mieux notre concitoyen...*" (Camus, 2009, p. 49), que ele traduziu como "Essa particularidade caracterizava o nosso amigo..." (Camus, 1973, p. 90)”.

Em contrapartida, a tradução de Valerie Rumjanek mantém esse possessivo “nosso(a)” no decorrer do texto, aproximando-se mais literalmente da obra original, em francês. A manutenção do possessivo aproxima o narrador da cidade, efeito esse encontrado no texto de partida.

Quadro 2 – Ações das personagens

Peste (original)	Peste (Graciliano Ramos)	Peste (Valerie Rumjanek)
"Le docteur lui demanda s'il avait vu de nouveaux rats." (Camus, 2009, p. 17)	"O médico lhe perguntou se tinham aparecido novos ratos." (Camus, 1973, p. 66)	“O médico perguntou-lhe se tinha visto mais ratos.” (Camus, 2021, p. 15)
"Bernard Rieux prit Castel dans sa voiture pour gagner la préfecture." (Camus, 2009, p. 50)	"Bernardo Rieux dirigiu-se à prefeitura, em companhia de Castel." (Camus, 1973, 92)	“Bernard Rieux levou Castel no seu carro à Prefeitura.” (Camus, 2021, p. 50)

Fonte: Camus, 2021, 2009, 2002.

Graciliano optou frequentemente por modificar trechos da obra que estão ligados diretamente às ações das personagens. Como vemos acima (Quadro 2), dirigindo-se ao Sr. Michel, o Dr. Rieux lhe pergunta se “havia aparecido novos ratos”, no entanto na obra original Rieux pergunta diretamente se o próprio Sr. Michel havia visto novos ratos, o que é conservado na tradução de Valerie. Em outro momento, o tradutor diz apenas que Rieux se dirigiu à prefeitura acompanhado de Castel, porém no texto fonte lemos que Rieux levou Castel em seu carro e assim foram à prefeitura. Essa mudança verbal acaba por transformar o sujeito da ação.

Mais uma vez, a tradução de Rumjanek mostra-se mais literal (Quadro 2). A descrição das ações das personagens é mantida precisamente pela tradutora, sem grandes mudanças de sentido. As informações são, portanto, passadas sem muito espaço para interpretações, como no caso da tradução de Graciliano, que, possivelmente, achou desnecessária a explicitação do fato de que Bernard Rieux havia levado Castel à prefeitura em seu carro.

Essas questões nos remetem à analítica da tradução de Berman (2013), especificamente à chamada “tendência deformadora” do enobrecimento, que é, segundo o autor, uma prática que visa a embelezar o texto de partida através da criação de frases mais elegantes. Esse processo de retoricização embelezadora implica alterar o texto original através do sacrifício de determinados elementos originais com o objetivo de alcançar um novo texto mais refinado e elegante.

Há, claro, o risco de que o novo texto perca sua autenticidade e que o discurso original seja alterado através das diversas formas de reestruturação de frases, como faz Graciliano. Em associação à já mencionada ideia do escritor-tradutor de Dos Santos (2016), podemos pensar se a tradução realizada pelo escritor alagoano acabou por se tornar uma obra sua, deformada em favor de um suposto enobrecimento do texto.

Quadro 3 – Sentimento das personagens

Peste (original)	Peste (Graciliano Ramos)	Peste (Valerie Rumjanek)
"Le préfet était aimable, mais nerveux." (Camus, 2009, p. 50)	"O prefeito recebeu-os, amável e nervoso." (Camus, 1973, p. 92)	“O prefeito estava amável, mas nervoso.” (Camus, 2021, p. 50)
"- Ah, je vois, fit Rambert, vous allez parler de service public. Mais le bien public est fait du bonheur de chacun. - Allons, dit le docteur qui semblait sortir d'une distraction, il y a cela et il y a autre chose. Il ne faut pas juger. Mais vous avez tort de vous fâcher. Si vous pouvez vous tirer de cette affaire, j'en serai profondément heureux. Simplement, il y a des choses que ma fonction m'interdit." (Camus, 2009, p. 85)	"Ah! já sei - continuou Rambert. - O senhor vai falar no serviço público. Mas o bem público é feito com a felicidade de cada um. - Não - disse o médico - parecendo afastar uma distração. - Há outra coisa. Não procure julgar. Nem se zangue. Se conseguir vencer, ficarei satisfeito. Mas não posso fazer isso." (Camus, 1973, p. 119)	“- Ah! Compreendo - respondeu Rambert. - Vai falar do serviço público. Mas o interesse público é feito da felicidade de cada um. - Vamos - disse o médico, que parecia sair de um devaneio. - Não é só isso. Não se deve julgar ninguém. Mas o senhor não devia se zangar. Se puder encontrar uma solução, ficarei imensamente feliz. Simplesmente, há coisas que as minhas funções me proíbem de fazer. (Camus, 2021, p. 86)

Fonte: Camus, 2021, 2009, 2002.

Em ambos os trechos acima (Quadro 3) vemos modificações significativas na expressão sentimental das personagens. No primeiro trecho, através do apagamento da conjunção “mas”, Graciliano descreve o prefeito como sendo amável e nervoso, ou seja, dando a ambos os sentimentos uma certa igualdade; como se não fossem dois sentimentos que, de certa maneira, causassem estranheza juntos. Dessa forma, a tradução se distingue do texto original, pois é possível observar neste último uma sutileza que sugere que, apesar de amável, o prefeito estava visivelmente nervoso - o que foi omitido na tradução de Graciliano. Valerie, por sua vez, prefere realizar uma tradução mais literal. Já no segundo trecho, Rieux diz, na obra original, que ficaria profundamente feliz com o êxito de Rambert, mensagem essa mantida na tradução de Valerie: “imensamente feliz”. No entanto, na tradução de Graciliano, Rieux passa apenas a dizer que ficaria “satisfeito”.

É importante ressaltar que na língua francesa é comum negar-se o negativo para fazer elogios. Por exemplo: “*Ce n’est pas mal*” (não está mal), que é considerado, de fato, um elogio relativamente intenso. Portanto, ao apresentar essa união de advérbio e adjetivo “*profondément heureux*” (profundamente feliz), o texto original passa de fato uma ideia de exagero sentimental, o que é perdido na tradução de Graciliano Ramos.

Além disso, como já observou Bicalho (2007), percebe-se em ambos os trechos, com ainda mais clareza no segundo, o estilo direto e enxuto de Graciliano, conforme sua célebre analogia sobre o ato de escrever em que ele descreve o trabalho das lavadeiras de Alagoas que “[...] começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer.” e que mais a frente ele conclui: “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”. No segundo trecho, o romance original mostra um Dr. Rieux com falas indiretas, que não responde Rambert negativamente de maneira explícita, efeito esse preservado na tradução de Valerie. Já o escritor-tradutor alagoano troca esses “enfeites” por frases diretas, que dizem: “Não”, “Não procure julgar. Nem se zangue.”.

Quadro 4 – Descrições

Peste (original)	Peste (Graciliano Ramos)	Peste (Valerie Rumjanek)
"Le garçon essuyait ses mains moites contre le devant de son tablier." (Camus, 2009, p. 134)	"O sujeito enxugava as mãos no avental:" (Camus, 1973, p. 157)	“O garçom enxugou no avental as mãos úmidas.” (Camus, 2021, p. 135)
"On avisait la famille, bien entendu, mais dans la plupart des cas, celle-ci ne pouvait pas se déplacer, étant en quarantaine si elle avait vécu auprès du malade. Dans le cas où la famille n’habitait pas avec le défunt, elle se présentait à l'heure indiquée qui était celle du départ pour le cimetière, le corps ayant été lavé et mis en bière." (Camus, 2009, p. 160).	"A família recebia aviso, é certo, mas quase sempre de quarentena se vivera com o doente, não podia mexer. Se vivia longe dele, apresentava-se à hora marcada, via o corpo no caixão, à saída para o cemitério". (Camus, 1973, p. 179)	“Naturalmente, a família era avisada, mas, na maior parte dos casos, não podia deslocar-se por estar de quarentena, se tinha vivido perto do doente. No caso de a família não morar com o defunto, apresentava-se à hora indicada, que era a da partida para o cemitério, depois de o corpo ter sido lavado e colocado no caixão.” (Camus, 2021, p. 162)

Fonte: Camus, 2021, 2009, 2002.

Ainda sobre a escrita breve e precisa de Graciliano, é possível identificar grandes reduções nas descrições das cenas. Graciliano remove detalhes que, segundo a sua ótica, eram excessivos.

No primeiro trecho (Quadro 4), percebemos que na obra original há a atribuição de um adjetivo às mãos: “*moites*” (úmidas), e em seguida descreve precisamente em que parte do avental o garoto, chamado de “sujeito” por Graciliano, enxuga as suas mãos. O tradutor optou, portanto, por apagar o adjetivo qualificativo “*moites*” e suprimiu a precisão de onde exatamente no avental o garoto enxugou as mãos. Valerie, apesar de ter de certa maneira simplificado a

frase ao omitir a palavra “*devant*”, que fazia referência à parte dianteira do avental, manteve o adjetivo “úmidas”.

O segundo trecho (Quadro 4) foi retirado da parte III do romance de Camus. Essa seção, que é composta por apenas um capítulo na obra original e também na tradução de Rumjanek, Graciliano optou por dividir em três capítulos. Além disso, há uma grande redução dos detalhes que compõem a cena, pois Graciliano traduz de maneira muito concisa a descrição da relação da família com o defunto, ao contrário do texto de partida, que passa mais detalhes sobre a hora da partida do morto ao cemitério e que este foi lavado antes de ser colocado no caixão. A tradução de Graciliano é muito mais direta e traz uma informação nova que não consta diretamente no original: a família via o corpo no caixão.

Essas análises nos conduzem ao conceito crucial de “posição tradutiva”, conforme delineado por Berman (1995). Essa teoria trata da perspectiva, atitude ou abordagem adotada por um tradutor ao realizar a tradução de um texto. Ela é influenciada por diversos fatores, como o contexto cultural, a intenção do tradutor, o público-alvo e a relação do tradutor com o texto original. A posição tradutiva pode variar desde uma abordagem mais literal e próxima do texto original até uma interpretação mais livre e adaptativa, e é fundamental para compreender como o tradutor lida com os desafios e nuances do processo de tradução.

Em “A Peste", as distintas posições tradutivas de Graciliano Ramos e Valerie Rumjanek se tornam evidentes. Graciliano Ramos, conhecido por sua prosa concisa e direta em obras como "Vidas Secas", traz essa mesma abordagem para sua tradução de Camus. Sua posição tradutiva parece ser pautada em uma fidelidade ao seu próprio estilo original, porém, em alguns casos, isso pode resultar na perda de certos matizes e nuances do texto de partida. Por outro lado, Valerie Rumjanek opta por uma abordagem que, embora mantenha a fidelidade à obra original, também busca uma fluidez e acessibilidade mais diretamente relacionadas ao leitor brasileiro contemporâneo. Ao analisar as diferentes posições tradutivas adotadas por esses dois tradutores renomados, é possível obter uma compreensão mais profunda das escolhas e compromissos que permeiam o processo de tradução de uma obra tão complexa e impactante como "A Peste".

De forma similar à que Bicalho (2007) observou, nas edições usadas como fonte deste trabalho percebemos que a tradução do escritor alagoano contém menos páginas (214) do que a obra original (268) e do que a tradução de Rumjanek (278). Além disso, há uma diferença no tamanho da fonte escolhida pelas edições: a menor delas é a da obra original, seguida pela edição traduzida por Rumjanek e, a maior delas, a tradução de Graciliano Ramos. Vale ainda

destacar que no texto de partida e na tradução de Graciliano há normalmente 38 linhas por página, enquanto na edição de Rumjanek há predominantemente 33 linhas por página.

A observação desses elementos ressalta de forma contundente como o texto de Graciliano passou por um processo de edição significativo, caracterizado por cortes e modificações tanto na estrutura das frases quanto na composição geral da obra. Essas intervenções culminaram em uma versão notavelmente mais concisa em termos físicos, portanto todos esses fenômenos suscitam uma reflexão profunda sobre a possibilidade de que "A Peste", de certa maneira, tenha adquirido uma nova identidade sob a mão do tradutor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Optamos por analisar este romance não apenas por seu valor literário, mas também por sua pertinência contemporânea. Vivemos recentemente uma pandemia global que, de muitas maneiras, ecoou os desafios e dilemas enfrentados pelas personagens de "A Peste". O paralelo e entrelaçamento entre a ficção e a realidade se mostra inevitável ao lermos essa grande obra de Camus. A negação do problema, a dificuldade ao lidar com o novo, a ignorância ao encarar a doença e todos os sacrifícios necessários à contenção da epidemia - primorosamente abordados por Camus - são alguns dos elementos que podemos associar à nossa realidade.

Ao longo deste percurso, pudemos apreciar não apenas a maestria narrativa de Camus, mas também a sua capacidade de provocar reflexões profundas sobre temas universais. Sua escrita, muitas vezes poética, transcende as fronteiras do tempo e do espaço, alcançando leitores de diferentes culturas e épocas. É notável como Camus nos transmite a ideia de confronto à efemeridade da existência, a fragilidade da ordem social e a resistência inerente à adversidade, tão presentes na sua filosofia, apesar de sua renúncia ao título de filósofo (Le Monde, 2010). A mensagem que tiramos de sua obra é que, mesmo diante das circunstâncias mais adversas, a humanidade é capaz de encontrar formas de solidariedade e de resiliência.

Quanto às traduções analisadas no trabalho, chegamos à conclusão de que o texto final de Graciliano Ramos traz inegavelmente seu estilo particular de escrita e apresenta alterações substanciais em relação à obra original. Ele adota uma linguagem mais direta - o que é característico de suas obras autorais - por vezes omitindo detalhes e nuances presentes no texto original. Isso resulta em uma narrativa mais concisa, porém, por vezes, ele acaba por alterar a sutileza e profundidade de determinados sentimentos e situações. Por outro lado, a tradução de Valerie Rumjanek se mantém mais próxima ao texto original em diversos aspectos. Ela preserva elementos importantes da obra de Camus, tanto na composição das frases quanto na expressão dos sentimentos das personagens. A opção por uma abordagem mais literal proporciona uma experiência de leitura mais próxima da intenção do autor.

Ao compararmos ambas as traduções, percebemos como a escolha do tradutor pode influenciar significativamente a interpretação e o impacto da obra no leitor. Sob nenhum pretexto desejamos afirmar que a tradução de Valerie é perfeita, ou a “correta”, apenas que sua posição tradutiva é diferente da de Graciliano, o que, através de suas escolhas, impactam o resultado final de sua tradução de forma que esta se mostra mais fiel à original.

A trajetória dessa pesquisa mudou com o passar do tempo e acabou por se tornar uma análise das duas traduções de *La peste* - bem distintas entre si - às quais nós, leitores brasileiros, temos acesso. De forma similar à resiliência do povo de Oran, esse trabalho, semeado em plena pandemia, manteve-se firme e adaptou-se às diversas alterações que enfrentou. Apesar de contentes com os resultados encontrados e com o texto final, nós o finalizamos após uma jornada repleta de aprendizado e adaptação, com o sentimento de que há ainda muito a ser explorado em trabalhos futuros quanto às minúcias das traduções da obra e à parte literária, que apesar de já muito exploradas, de tão ricas, deixam espaço para novas discussões.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Pedro Israel Saraiva. **Do absurdo à revolta em Albert Camus**. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36348/3/2017_dis_pisazevedo.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

BARBOSA, Joseires Diogna Monteiro. **La Peste, de Albert Camus**: entre o absurdo e a revolta. Monografia (Graduação em Letras, língua francesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/4570. Acesso em : 17 fev. 2023.

BBC. 'A Peste', de Albert Camus, vira best-seller em meio à pandemia de coronavírus. **BBC**, São Paulo, 12 mar. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-51843967. Acesso em: 25 set. 2023.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de janeiro: Copiart/PGET, 2014.

_____. **Pour une critique des traductions : John Donne**, Paris: Gallimard, 1995, 275 pp.

BICALHO, Ana Maria. **Graciliano, Valerie Rumjanek e o processo de (re)criação em "La Peste" de Albert Camus**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11410. Acesso em 24 abr. 2023.

BOISDEFFRE, Pierre. Vida e obra de Albert Camus. *In*: CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1973.

BOUTIN, Clément. La lettre d'Albert Camus à son instituteur Louis Germain sera lue lors de l'hommage à Samuel Paty. **BFMTV**, Paris, 21 out. 2020. Disponível em: https://www.bfmtv.com/societe/la-lettre-d-albert-camus-a-son-instituteur-louis-germain-sera-lue-lors-de-l-hommage-a-samuel-paty_AV-202010210115.html. Acesso em: 24 mar 2023.

BRANDÃO, Gilda Vilela. Graciliano e o sentimento do absurdo. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 99-122, 2013. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3986. Acesso em 24 abr. 2023.

CAMBUS, Albert. **A peste**. 33ª ed. Tradução de: Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.

_____. **L'homme révolté**. Paris: Gallimard, 2018.

_____. **La peste**. Paris: Gallimard, 2009.

_____. **A peste**. Tradução de: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1973.

DOS SANTOS, Sheila Maria. O escritor-tradutor: entre tradução e criação. **Non Plus**, São Paulo, n. 9, p. 162-175, 2016. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/114226. Acesso em: 25 set. 2023.

FAHRENHEIT MAGAZINE. Le grand moteur d'Albert Camus: l'amour inconditionnel de sa mère. **FAHRENHEIT MAGAZINE**, Cidade do México, 10 mai. 2021. Disponível em: https://fahrenheitmagazine.com/fr/art/courrier/le-grand-moteur-d%27albert-camus-l%27amour-inconditionnel-de-sa-m%C3%A8re#.ZB2sAXbMJD8. Acesso em: 24 mar. 2023.

FORTUNATO, Ivan. A filosofia de Albert Camus na gestão de pessoas: absurdo ou revolta na adaptação individual. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá-PR, v. 10, n. 118, p. 67-73, 2011. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11644/6703. Acesso em: 20 set. 2023.

FREIRE, Pedro Antônio. Traduzir-se em tempos de peste: uma peleja graciliana. **Revista Athena**, Tangará da Serra, MT, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2020. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/4669. Acesso em: 25 set. 2023.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. 'A Peste': Albert Camus em tempos de coronavírus. **INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS**, São Leopoldo, 18 mar. 2020. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597192-a-peste-albert-camus-em-tempos-de-coronavirus. Acesso em: 25 set. 2023.

LE MONDE. Bernard Henri-Lévy : "Albert Camus, philosophe artiste". **Le Monde**, Paris, 6 jan. 2010. Disponível em: https://www.lemonde.fr/culture/article/2010/01/06/bernard-henri-levy-albert-camus-philosophe-artiste_1288110_3246.html. Acesso em 09 out. 2023.

LETRAS AMBIENTAIS. "A Peste", de Camus: 5 pontos para se vencer uma pandemia. **Letras Ambientais**, Maceió, 27 set. 2020. Disponível em: https://www.letrasambientais.org.br/posts/%E2%80%9Ca-peste%E2%80%9D,-de-camus:-5-pontos-para-se-vencer-uma-pandemia. Acesso em: 25 set. 2023.

MÜLLER JÚNIOR, Adalberto; PEREIRA, Germana Henriques. Traduzir em tempos de peste e confinamento. **Revista Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 3, p. 01-03, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/38568/30271. Acesso em: 01 abr. 2023.

NARBONA, Rafael. 'La Peste': Albert Camus en los tiempos del coronavirus. **El Español**, Madrid, 17 mar. 2020. Disponível em: https://www.elespanol.com/el-cultural/blogs/entreclasicos/20200317/peste-albert-camus-tiempos-coronavirus/475572446_12.html. Acesso em 25 set. 2023.

ROMANO, Luís Antônio Contatori; SILVA, João Ricardo Barros Silva. A peste, de Albert Camus: a recepção no Brasil, a partir de Jacques Madaule e Benedito Nunes. **Scripta Alumni**, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 22-39, 2020. Disponível em: https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaAlumni/article/view/1799. Acesso em: 25 set. 2023.

SANTI, Alexandre. O Grande Vazio. **Superinteressante**, São Paulo, 19 nov. 2015. Disponível em: https://super.abril.com.br/cultura/o-grande-vazio/. Acesso em: 24 mars 2023.
SILVA, André Rodrigues. Uma contextualização filosófica sobre a filosofia do absurdo de Albert Camus e a sua contribuição para a literatura. **Revista Enciclopédia Filosófica**, Pelotas-RS, v.5, p. 101-122, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Enciclopedia/article/view/9346. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, João Rirado Barros; ROMANO, Luis Antonio Contatori. A Peste, de Albert Camus: a recepção no Brasil a partir de Jacques Madaule e Benedito Nunes. **Scripta Alumni**. Curitiba, Paraná, v. 23, n. 2, p. 22-39, jul.-dez. 2020. Disponível em: https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaAlumni/article/view/1799. Acesso em: 17 fev. 2023.

SOUZA, Bruno Henrique Alvarenga. O estilo de Graciliano Ramos: Uma desterritorialização da língua. **Todas As Letras - Revista De Língua E Literatura**, vol. 22, n 2, 2020. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/11800. Acesso em: 31 mar. 2023.

VISWANATHAN, Padma. Graciliano Ramos and the Plague. **The Paris Review**, Nova York, 15 mai. 2020. Disponível em: https://www.theparisreview.org/blog/2020/05/15/graciliano-ramos-and-the-plague/. Acesso em 31 mar. 2023.